

Caruê

QUEM É O ADULTO ANALFABETO?

Quando nos indagamos sobre quem é o adulto analfabeto, a concepção mais ingênua que se tem sobre ele é de alguém que tem dificuldades para raciocinar e aprender, que possui conhecimentos bastante limitados, que é inferior aos outros, que é cego para o mundo etc.

Vamos pensar, então, sobre qual é a identidade do analfabeto que está inserido no contexto social em que vivemos.

No nosso dia-a-dia, convivemos com pessoas que sabem e que não sabem ler e escrever. Todas essas pessoas têm um papel social e, através do seu trabalho, desempenham uma função no sistema de produção. Toda atividade produtiva requer um nível de raciocínio e de conhecimento, seja ela executada pelo analfabeto ou pelo indivíduo letrado.

Todo indivíduo, quando executa um trabalho, está sujeito a uma cobrança de responsabilidade, que é peculiar ao fato de ser adulto. No entanto, esse mesmo adulto, analfabeto e trabalhador, fora do contexto do trabalho, muitas vezes é visto como alguém incapaz. Contraditoriamente, nesse momento, o seu papel como membro atuante da sociedade é esquecido.

O equívoco que pode ser gerado a partir dessa concepção ingênua e simplista sobre o adulto analfabeto faz com que se ignore que o seu desenvolvimento fundamental é de natureza social, ou seja, faz-se pelo trabalho. O desenvolvimento do indivíduo não pára pelo fato de permanecer analfabeto. Isto quer dizer que a situação de ser analfabeto não se constitui num impedimento para o desenvolvimento de seu raciocínio e, conseqüentemente, para a utilização desse raciocínio como meio de sobrevivência.

Paradoxalmente, o adulto analfabeto é considerado, com freqüência, como uma criança que cessou de desenvolver-se. Ora, ao

admitirmos essa idéia, não estaríamos nem mesmo levando em consideração a distinção de idades que existe entre o adulto e a criança, distinção esta que se traduz pela diversidade de experiências acumuladas ao longo da vida. Apesar de ser evidente que a criança destina-se a ser adulto, sua realidade existencial presente é outra, assim como a realidade existencial do adulto também lhe é peculiar.

Será que essa concepção ingênua e simplista sobre o analfabeto, presente no senso comum, não estaria em muito contribuindo para manter o preconceito social existente em relação ao analfabetismo?

Vejamos então quais são as conseqüências dessa concepção no processo educativo. Para fazer essa análise é necessário compreender o tipo de relação social que se estabelece na sala de aula.

Quando o adulto analfabeto e o professor entram na sala de aula, ambos trazem uma percepção de si e do outro, que vai influenciar diretamente na relação professor-aluno. O professor, geralmente, assume uma posição de superioridade intelectual, na medida que detém o conhecimento da leitura e da escrita. Como conseqüência, essa posição impede a ele ter acesso às experiências e aos conhecimentos dos alunos.

Essa posição de superioridade é um reflexo da nossa sociedade, que ao valorizar o letrado e subestimar o analfabeto, criou um preconceito social em relação ao último.

A maioria das pessoas apresenta este preconceito e o analfabeto tem consciência disto.

Quando o alfabetizador entra em sala com este preconceito não consegue estabelecer um diálogo com o grupo. No fundo, consciente ou não, este alfabetizador despreza seu grupo, não acredita no seu potencial e tem pouca esperança, muitas vezes, que os alunos possam se alfabetizar. Através de suas atitudes, o grupo percebe o preconceito do alfabetizador, o que faz com

que os alunos reforcem o conceito negativo que já possuem deles próprios.

A partir daí tudo fica mais difícil. O analfabeto começa a se achar incapaz de ser alfabetizado, apresentando bloqueios emocionais que fazem com que não vença as dificuldades naturais do processo de aprendizagem. E o alfabetizador, por sua vez, face a essa situação, reforça mais ainda o seu preconceito. E com isto vem o fracasso. A evasão é um sinal concreto do problema.

Vejamos agora quem é o adulto analfabeto, o que ele ignora e o que deve aprender, segundo uma concepção crítica da realidade de vida do adulto.

O adulto analfabeto, como toda e qualquer pessoa, tem sua situação de vida definida na sociedade através do tipo de trabalho que executa. Embora esse adulto domine um conhecimento necessário para o trabalho que realiza, ele ignora muitas vezes a importância desse trabalho, as razões de negação de seus direitos sociais e principalmente as causas de sua pobreza.

Portanto, o educador que vê o aluno a partir de uma posição crítica, levando em consideração os aspectos econômicos e sociais em que este aluno se encontra, terá mais chances de fazer com que o domínio da leitura e da escrita não seja, para o aluno, um fim em si mesmo e, sim, um instrumento a mais, que permitirá a ele ter uma visão maior de si e do mundo que o cerca.

Assim, o domínio do código da leitura e da escrita servirá ao indivíduo como uma possibilidade de maior participação social, na medida em que diminui as chances de que ele seja manipulado pelas informações que recebe da sociedade em que vive.

O que o adulto analfabeto necessita aprender?

É evidente que o que ele precisa aprender não tem limites. Entretanto, é básico que domine os elementos da leitura, da escrita e da matemática não como um fim em si mesmo, mas como um ponto de partida para ampliar suas possibilidades de vir a saber mais.

Na medida em que o indivíduo passa a ter domínio do código da leitura e da escrita, vai tendo maior possibilidade de acesso a informações que antes são acessíveis ao mundo dos letrados. Como consequência, sua interpretação da realidade poderá ir se modificando.

Qual seria, então, o ponto de partida dessa aprendizagem?

Em qualquer processo formal de ensino, o ponto de partida deve ser o conhecimento que o indivíduo tem e, não, o que ele desconhece. Isso porque a assimilação de novos conhecimentos só poderá ocorrer na medida em que estes estejam, de alguma maneira, relacionados com aquilo que o indivíduo já conhece.

Desta forma, a aprendizagem deve se iniciar a partir dos elementos que compõem a realidade do aluno — seu mundo de trabalho, suas relações sociais, suas crenças, valores, gírias, etc.

É evidente que, para desencadear o processo educativo, torna-se indispensável que o professor procure conhecer, de imediato, a realidade do aluno.

Assim, o professor, na medida em que se aproxima de seus alunos e os conhece cada vez mais, pode encontrar, mais facilmente, as formas de atender a suas expectativas e despertar neles a consciência da necessidade de instruir-se e de alfabetizar-se.

* * *

BIBLIOGRAFIA

- . FREIRE, P. A importância do ato de ler. Cortez Editora.
- . PINTO, A.V. Sete lições sobre educação de adultos. Cortez Editora. 1982.

NOTA: este artigo é resultado de uma discussão em grupo iniciada pelos técnicos responsáveis pelo projeto de alfabetização o qual terá continuidade em outros números desta publicação, abordando temas de interesse do alfabetizador.

- . ALDA MARIA DA GLÓRIA LESSA BASTOS
- . MARGARIDA DE SOUZA QUEIROZ
- . MARIA CLARA LANARI BÔ
- . MIGUEL FARAH NETO
- . SOLANGE JOBIM E SOUZA.

* * *